

In Poesia 1944-1945, Lisboa, Delfos, 1961

O DE ESPELHOS

de espelhos | não navega, cavalga || Seu mar é a floresta | que lhe serve de nível || Ao crepúsculo espelha
a nos flancos || (Por isso o tempo gosta | de deitar-se com ele) || Os armadores não amam | a sua rota
Vista do movimento | para) || Quando chega à cidade | nenhum cais o abriga || (O seu
e ar pesado | é tudo o que transporta || E no mastro espelhado
o mesmo rosto || A mesma cinta escura | o mesmo grau e
|| (Como os olhos da mosca | reflectem os objectos) ||
uta o mar do fundo || Toda a nave cavalga | (como no
do mundo.

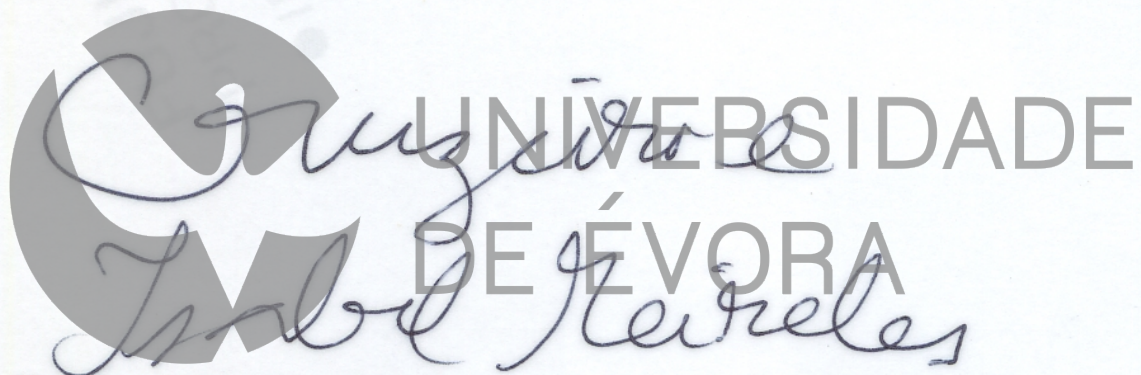
In A Cidade Queimada, Lisboa, Ulisseia, 1966

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



N.º 745

<IMG_4357.JPG> A00969-002 0002 NNNA 3



CR:0 R

Perce
Foto Elisabete Oliveira